

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ADOLESCÊNCIA: O PRAZER EM CRESCER

Educação Sexual e suas possibilidades no Ensino de História

Télio Ribeiro Coutinho

TÉLIO RIBEIRO COUTINHO

ADOLESCÊNCIA: O PRAZER EM CRESCER

Educação Sexual e suas possibilidades no Ensino de História

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Ms. Jeanne Silva.

Uberlândia setembro 2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Coutinho, Têlio Ribeiro, 1979-

Adolescência: o prazer em crescer (Educação Sexual e suas possibilidades no Ensino de História).
Têlio Ribeiro Coutinho-Uberlândia, 2006.
33fl.

Orientadora: Jeanne Silva.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia

Sexualidade, Gênero, Ensino de História.

TÉLIO RIBEIRO COUTINHO

ADOLESCÊNCIA: O PRAZER EM CRESCER

Educação Sexual e suas possibilidades no Ensino de História

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Jeanne Silva - Orientadora

Profa. Ms. Rosa Pelegrine

Profa. Ms. Sheille Soares de Freitas

AGRADECIMENTOS

Identificar, aqui, todas as pessoas que contribuíram para o feitiço deste trabalho e agradecê-las é impossível. Reconheço que várias pessoas aqui se fizeram presente e gostaria que se sentissem agradecidas todas aquelas que, direta ou indiretamente, me auxiliaram nessa empreitada. Cito apenas alguns, mas sei que são muitos, muitos mais...

Obrigado, Jeanne, minha orientadora, pela coragem de me acolher quando o caminho já havia se iniciado. Obrigado pelo profissionalismo, pela competência, pela confiança, pela solidariedade e pelo cuidado para que eu mantivesse o prazer ao produzir este trabalho.

Obrigado, professoras da banca de qualificação, Rosa e Sheille, pelas sugestões valiosas.

Obrigado, André e João Batista, amigos de tantos anos, pelas trocas e discussões, nossos passos compartilhados tornaram o percurso mais leve.

Obrigado, pai e mãe, pelo amor inesgotável, pela presença, pela força e pela vitalidade nas horas de esmorecimento. Obrigado, meus irmãos Telmo e Vanessa, pelos gestos de quem ama e confia.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a questão da sexualidade. Faço um estudo referente a educação sexual na escola, especificamente com alunos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). A escola escolhida para trabalhar meu tema foi a ESEBA (Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia).

A educação sexual torna-se um veículo de repressão quando inculca determinados valores e normas morais, reforçando a idéia de que a única função válida do sexo é a reprodução, e o que escapa a essa função é pecaminoso.

A orientação sexual pode ajudar no desabrochar da personalidade sexual dos jovens, ajudá-los a viver sua sexualidade de forma sadia, sem culpa ou vergonha. Como nas escolas a educação sexual fica frequentemente atribuída aos professores de biologia, pode-se ocorrer que muitas vezes fique limitada às informações biológicas da vida sexual, omitindo assim seus aspectos psicológicos.

Para ser educador sexual não precisa ser necessariamente um especialista que detenha conhecimentos científicos extensos e aprofundados sobre a sexualidade. Mas também, saber ouvir, facilitar a expressão das dúvidas do educando, criar condições para que suas demandas reais possam ser explicitadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	
EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA	9
Breve Histórico da Educação Sexual no Brasil	9
Documentação Oficial: PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)	10
ESEBA: Sexualidade em Sala de Aula	14
CAPÍTULO 2	
SEXUALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA	18
Programa de Educação Sexual	18
Sexualidade em sala de aula	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

Estudos que articulam educação, sexualidade, gênero e adolescência são raros no Brasil. Este trabalho resulta das inquietações do pesquisador que se deparou muitas vezes com o desafio imposto pela questão.

A educação sexual será o objeto central desta pesquisa. Sua abordagem se inicia a partir do ano 2001, apontando a importância de se falar sobre sexualidade no início deste novo século (século XXI), já que o sexo está cada vez mais banalizado no mundo atual, o que pode acarretar informações erradas, distorcidas para o adolescente ou até mesmo para a criança.

A escolha do tema resultou de uma constatação na minha adolescência de que muitos pais (inclusive os meus) encontraram dificuldades em conversar com seus filhos sobre sexualidade. A partir desse pressuposto, comecei a pensar o que poderia ser feito para que crianças e adolescentes pudessem ter uma melhor formação ao se depararem com as mudanças que seus corpos vão sofrer.

Assim, imagino que a escola pode se tornar o local mais adequado para se tratar questões tão complexas e necessárias para a formação de adolescentes no que tange à sexualidade, para que estes tenham atitudes corretas e sadias, sem preconceitos.

Maria Helena Matarazzo¹ é Consultora internacional da UNESCO. Defende uma educação sexual que deve ser realizada por um processo contínuo desde o nascimento até a idade avançada. Para ela, os pais, os educadores e demais pessoas que tem alguma influência sobre crianças e o adolescente, contribuem para sua formação sexual. Em sua obra: “Educação sexual nas escolas: preparar para a vida familiar”; relata que educação sexual é aquela que ajuda um jovem a compreender o processo do amadurecimento sexual e enfrentar problemas relativos ao sexo, os quais fazem parte da experiência de vida de cada ser humano.

Como os jovens de hoje constituirão as famílias de amanhã, a educação sexual se torna importantíssima para a sociedade. Pais, igreja, escola e a comunidade em geral devem compartilhar a responsabilidade da educação sexual. Pessoas que tem maior esclarecimento da sexualidade vão desenvolver atitudes mais positivas, com possibilidades de se comportarem de forma mais equilibrada. O conhecimento que se deseja na educação sexual é

¹ MATARAZZO, Maria Helena. *Educação sexual nas escolas; preparar para a vida familiar*. São Paulo, Paulinas, 1998.

aquele que estimula a auto-análise, além de servir como força motivadora para o comportamento sadio.

Matarazzo relata que atitudes não são herdadas e sim adquiridas, já que uma atitude se desenvolve através de socialização e hábito. Embora se ocorra dizer que os jovens de hoje já “conhecem tudo” sobre o sexo pelo fato de assistirem filmes, novelas, etc. a verdade é que a cada dia mais o jovem necessita de informação honesta, clara e descomprometida sobre sua sexualidade. O lar é o melhor lugar para se dar educação sexual. Enquanto no ambiente familiar surgem muitas oportunidades de instrução, na escola, estas oportunidades têm que ser criadas artificialmente. A igreja poderá contribuir no desenvolvimento de conceitos corretos a respeito da moral sexual, do casamento e da educação dos filhos. Dentro da comunidade existem várias instituições que podem incluir em seus programas a educação sexual, por exemplo: os escoteiros, os clubes de mães, os meios de comunicação de massa, etc.

É a partir de experiências numa variedade de situações, que as crianças adquirem seus conhecimentos a respeito do sexo ou da sexualidade. A educação sexual dignificante se torna indispensável numa época em que são intensificadas as transformações da adolescência. Para Matarazzo, só há aprendizado quando há envolvimento. O aluno tem que se ver na situação que está sendo apresentada. Quando o problema está ligado a própria vida dos alunos e o que está sendo ensinado faz parte de seu interesse e necessidade, é que fará o aluno a se envolver emocionalmente.

Sobre a problematização de minha pesquisa, pretendo levantar os seguintes pontos: Em que medida a educação sexual na escola ajuda o aluno a desenvolver sua sexualidade? Como pode ser feito um programa de educação sexual que abranja um universo maior de adolescentes, levando em consideração suas angústias e desinformações? Qual o verdadeiro papel do orientador sexual no amadurecimento da sexualidade de seus alunos?

Com a problemática acima, meu estudo tem os seguintes objetivos: Relatar o importante papel da educação sexual na vida do aluno. Procurar perceber e refletir a relação entre professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem referentes à sexualidade. Desenvolver um programa que melhor satisfaça a deficiência de informações e conhecimentos dos alunos, no que diz respeito ao seu desenvolvimento sexual (tanto físico como mental).

Paulo Freire² em sua obra “Pedagogia da autonomia” não relata um modelo de metodologia, e sim, coloca a pedagogia como ato político. O seu texto é uma expectativa de transformar a sociedade, o qual coloca o lucro maior do que as pessoas. Trabalha com a ética

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 22ª edição 2002.

(não a de Mercado, mas a de relações humanas). Trabalha com a concepção “bancária” da educação e com a concepção problematizadora da educação. Na concepção bancária, o educador é o sujeito. Esta concepção serve à dominação, nega a dialogicidade, inibe o poder criador dos educandos, se for reacionária, os educandos se tornam meros objetos. Na educação problematizadora, o educar serve à libertação, afirma a dialogicidade, se faz revolucionária, busca a emersão das consciências, enfim, ninguém educa ninguém, como ninguém se educa a si mesmo, pois os homens se educam em comunhão.

Foucault diz que governo é uma forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo, ou seja, pessoas individualizadas e normalizadas.

Segundo Foucault³ a partir do século XVI surge um interesse em desenvolver a arte de governar, já que o modelo de governo da Idade Média estava superado. O governo agora surge do consentimento dos governados. A economia que até então ficava no âmbito familiar passa a ser controlada pelo Estado.

Neste modo de governar não deixa de lado a soberania e a disciplina. Para Foucault a força é o próprio ser. Governo são técnicas que propõe a coordenar as atitudes dos homens. A governamentalização do Estado só pode existir através de dispositivos de segurança, entre eles, se destaca a polícia.

Para Foucault⁴ a moral é entendida como um conjunto de valores e regras de ação que são propostas às pessoas tendo como intermediação: a família, a Igreja, instituições educativas. O cristianismo delimita o parceiro legítimo, desqualifica as relações entre indivíduos do mesmo sexo, atribui um alto valor moral e espiritual à abstinência, à castidade e à virgindade.

Resta explicitar a distribuição – em dois capítulos – que acompanham esta pesquisa. O primeiro capítulo traz um breve histórico da educação sexual no Brasil, problematizando as noções de sexualidade e gênero que circulam no volume 10 dos PCNs, além de relatar como a sexualidade era trabalhada em sala de aula pela ESEBA.

O segundo capítulo traz um programa de educação sexual (sua elaboração e sua importância) e relata diversas formas de se trabalhar a sexualidade em sala de aula, principalmente na disciplina de História.

Esta pesquisa faz uma análise de que como a educação sexual pode ser trabalhada em sala de aula, principalmente no que tange ao ensino de História.

³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 5ª edição, 1985.

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 4ª edição, 1985.

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO SEXUAL EM SALA DE AULA

Breve Histórico da Educação Sexual no Brasil

A educação sexual existe na família, na escola e na sociedade, independente de intervenções pedagógicas deliberadas.

A educação sexual propriamente dita, sistematizada e organizada de forma a ser ministrada em escolas e instituições, teve como país pioneiro a Suécia. Este país teve a educação sexual na escola recomendada pelo Governo em 1942 e declarada obrigatória em 1956.

O Brasil, colonizado e influenciado pelos ideais europeus (católico e conservadores), irá reprimir a sexualidade e sua manifestação desde os primórdios da colonização portuguesa.

A Igreja Católica foi um dos freios mais poderosos, até a década de 60, na questão da Educação Sexual no sistema escolar brasileiro, e dando ênfase no pudor, no pânico da masturbação, na opressão sexual⁵.

Entre os anos de 1963 a 1969, algumas escolas pioneiras tentaram implantar a orientação sexual nos programas para os alunos. Porém, todas iniciativas foram abortadas em função da ideologia moralista defendida com o sucesso do Golpe de Estado ocorrido em 31 de março de 1964.

Os estudos surgem a partir de 1978, no processo de abertura política e de afrouxamento da censura. A educação sexual, na década de 80, tem sido objeto de investigação e estudo por parte de especialistas, principalmente aqueles ligados à psicologia e à educação, que têm sentido a necessidade de um esclarecimento à população em relação a sexualidade.

Por volta do final dos anos 70 e início dos anos 80, o sexo passa a ser incentivado, a prática sexual é muito discutida, pois o sexo passa a ser um elemento de equilíbrio emocional do homem que trabalha, que produz, e também um elemento de consumo. A liberação do sexo contribui para

⁵ ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Sexual na escola**. Cadernos de pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.53, p.11, Maio, 1985.

acalmar a consciência cristã de que o homem não pode, não deve ter prazer, porque é errado. A palavra de ordem agora não é mais a que Freud se referia: Produza! Reprima-se e produza! A palavra de ordem hoje é Goze e Consuma!⁶

É nesta sociedade em que aparece o orientador sexual, tendo a ousadia de invadir o corpo humano e pesquisar detalhes do funcionamento sexual, divulgando coisas que permitam ao homem moderno a ter consciência do que está fazendo ao praticar sexo.

A educação sexual informal é aquela que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento.

A educação sexual formal (orientação sexual) é aquela institucionalizada, feita dentro ou fora da escola.

Assim, é bom ressaltar que a educação sexual trata-se de processos culturais contínuos desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas. É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época e, conseqüentemente, a educação sexual que será levada ao indivíduo.

Quando se fala em orientação sexual, pensa-se numa intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a participação de profissionais treinados para este trabalho, sempre com formação específica para a função de orientador sexual.

A questão da sexualidade nas escolas é atribuída frequentemente aos professores de biologia, ficando muitas vezes limitada às informações biológicas da vida sexual, com a omissão de seus aspectos psicológicos. O estudo de História pode contribuir, por exemplo, analisando a participação diferenciada de homens e mulheres em cada período histórico, o que contribui para a construção da identidade de gênero (questão central relacionada à sexualidade).

Documentação Oficial: PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)

O Brasil precisa buscar seus próprios caminhos metodológicos de construção de uma realidade escolar coerente com os princípios da transversalidade. Existe uma experiência

⁶ BRUSCHINI, Maria Cristina A.; CHAUÍ, Marilena; KEHL, Maria Rita; WEREBE, Maria José. **Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?** Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.36, p.99, Agosto, 1981.

educacional e uma realidade cultural muito rica, diferenciada nas várias regiões do país, e isso precisa ser considerado na hora de implantar os temas transversais nas escolas.

No sistema educacional brasileiro é que se coloca a importância de temas transversais na educação, vistos como fonte auxiliar para as reflexões das pessoas de fato interessadas na busca de novos caminhos que visem transformar a escola e a sociedade.

A discussão a respeito dos temas transversais na educação surge de questionamentos realizados por alguns grupos politicamente organizados em vários países sobre qual deve ser o papel da escola dentro de uma sociedade plural e globalizada e sobre quais devem ser os conteúdos abordados nessa escola⁷.

Os PCNs foram lançados pelo Ministério da Educação e Desporto, em 1997, com a pretensão de ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares no ensino fundamental. Distribuído em 10 volumes, traz, no último, contribuições para a discussão da pluralidade cultural e orientação sexual. Temas estes considerados transversais. É no volume 10, especificamente quando se trata de sexualidade e de gênero, que será centrada a atenção.

No volume 10 dos PCN traz como seu primeiro objetivo de orientação sexual para ensino fundamental, o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade. A idéia de diferença não é problematizada como uma produção no interior de relações assimétricas e desiguais, e sim essencializada, como se fosse inerente a esse ou aquele grupo sociocultural.

O comportamento sexual humano é diversificado e determinado por uma combinação de vários fatores tais como os relacionamentos dos indivíduos com os outros, pelas próprias circunstâncias de vida e pela cultura na qual ele vive. Por isso conceituar o que é “normal” em termos de sexualidade se torna muito difícil. O que se pode afirmar em relação a isso, é que a normalidade sexual está relacionada ao fato da sexualidade ser compartilhada sem caráter destrutivo para o indivíduo, e sem afrontar regras comuns da sociedade em que se vive.

Os PCNs – volume 10 – este visto aqui como documento que apresenta a regra, a norma, os saberes hegemônicos. Na escola, o currículo ancora saberes que deverão servir de referência às ações dos professores. É importante analisarmos o que diz os PCNs sobre a sexualidade e gênero, procurando localizar em seu discurso os regimes de verdade que sustentam as orientações ali contidas.

⁷ BUSQUETS, Maria Dolores. **Temas Transversais em educação**. São Paulo: Ática, 1999.

Ao se tratar do tema orientação sexual, os PCNs mencionam que a sexualidade é algo que está ligado à vida do ser humano. A orientação sexual pode e deve ajudar o indivíduo a realizar uma ruptura com mitos e preconceitos referentes à sexualidade.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade.

(...) A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou, em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV (Vírus da AIDS) entre os jovens⁸.

Um aspecto importante mencionado pelos PCNs, é a maneira pela qual o trabalho de orientação sexual deve ser realizado nas escolas. Esse trabalho deve interagir escola e jovens, ajudando os alunos na construção de sua identidade. A educação sexual proposta nos PCNs não pretende substituir nem concorrer com a função da família, mas complementar. Com a inclusão da orientação sexual nas escolas, discutir questões polêmicas e delicadas, dentro de uma perspectiva democrática, contribui em muito para o bem-estar dos jovens em sua vivência sexual.

(...) É função da própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A convocação dos pais só se justifica quando se tratar de práticas muito recorrentes e que estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno ou demandem cuidados com sua saúde.

(...) Quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada dos adolescentes com o tema.

(...) Vergonhas, risos encabulados e principalmente a saída para a “gozação” são reações também muito comuns entre adolescentes, quando se coloca em pauta a questão sexual⁹.

Os PCNs apresentam a sexualidade como tema transversal. Os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, exigindo um maior preparo dos educadores. Os objetivos e conteúdos propostos para a orientação sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio de sua própria proposta. Várias áreas podem contribuir para o estudo

⁸ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília – DF, MEC, SEF, p.291, 1997.

⁹ Idem, p.301.

da sexualidade: Educação, Psicologia, Antropologia, História, Biologia, Sociologia, Medicina e outras.

As temáticas sociais atravessam os diferentes campos do conhecimento, demandando, portanto que sejam trabalhadas de forma contínua e integradas às disciplinas. A isto se deu o nome de transversalidade, ou seja, pretende-se que estes temas integrem as áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas.

Temas transversais são originários de contextos e usos sociais reais e significativos, considerados como questões contemporâneas que alimentam e alavancam o pensamento. Nesta perspectiva, as disciplinas são como um vasto campo, a partir do qual significados e sentidos diversos tornam possível o estudo e a compreensão dos temas. Assim, propostas pedagógicas trabalham com combinações entre temas e disciplinas, das quais resultam conteúdos altamente significativos para os indivíduos e grandemente transformadores para a sociedade.

Cada sociedade desenvolve regras para o comportamento sexual das pessoas. Assim, a orientação sexual propõe considerar as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas.

Como objetivo geral, os PCNs afirmam que a finalidade do trabalho de orientação sexual, é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

Os PCNs trazem como premissas desse trabalho de orientação sexual os seguintes princípios norteadores: respeito a si próprio e ao outro, atitudes não discriminatórias, questionamento de valores preconceituosos, conhecimento dos valores pluralistas, combate à intolerância e uso do diálogo e da negociação como forma de mediar conflitos.

Em consonância com os direitos de cidadania de uma sociedade democrática, é necessário relatar que, explorar a própria sexualidade faz parte da busca do bem estar sexual. A sexualidade é parte da vida de todas as pessoas e inclui dimensões éticas, biológicas, psicológicas e culturais, onde o seu exercício compreende aprender o respeito ao corpo, aos próprios sentimentos e ao outro. Numa sociedade democrática é fundamental o respeito à diversidade de valores e crenças relativos à sexualidade, desde que respeitada a dignidade do ser humano.

O tratamento dado a cada tema em sexualidade deve convergir para o favorecimento da construção, por parte do aluno, de um ponto de auto-referência, a partir do qual poderá desenvolver atitudes coerentes com os valores que eleger para si. Há que se considerar também, a impossibilidade,

mesmo para adultos, das verdades absolutas e imutáveis, pois, enquanto componente da subjetividade, a sexualidade se constrói e se modifica ao longo de toda a vida e, portanto, os valores a ela associados podem ser transitórios¹⁰.

A questão dos temas transversais proporciona a fonte de união entre o científico e o cotidiano, desde que proponha como finalidade os temas que levanta, e como meios as matérias curriculares, que adquirem assim a qualidade de instrumentos cujo uso e domínio levam à obtenção de resultados claramente perceptíveis.

A inclusão dos temas transversais na estrutura curricular brasileira e a construção de projetos educacionais baseados nessa concepção são imperativos para a transformação da sociedade.

ESEBA: Sexualidade em Sala de Aula

Os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudo, são fontes de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico e, portanto, exigem maior preparo dos educadores.

A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo.

Embora popularmente se diga que os jovens de hoje já “sabem tudo” através de filmes, novelas e propaganda, o fato é que hoje e a cada dia, mais o jovem necessita de orientação honesta, clara, direta e descomprometida sobre a evolução de sua sexualidade e em que contexto social ela está inserida e será vivenciada. Nesta época de transição, em que as transformações da adolescência são dificultadas e intensificadas, a educação sexual dignificante se torna indispensável.

A escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil para se dar orientação sexual.

O ambiente escolar pode se tornar um campo propício à orientação sexual, um lugar onde os alunos receberiam informações mais completas, onde distorções trazidas desde a infância poderiam ser esclarecidas ou corrigidas.

Quando falo de orientação sexual, penso numa intervenção institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, com a

¹⁰ Ibidem, p.335.

participação de profissionais treinados para este trabalho: psicólogos, assistentes sociais, professores, orientadores educacionais, médicos, mas sempre com formação específica para a função de orientador sexual. Como qualquer outro educador, o orientador sexual é agente transformador e multiplicador de valores e comportamentos dos indivíduos, grupos e da sociedade como um todo. Por isso, precisam debater suas dúvidas e angústias, refletir sobre seus valores e conflitos, questionar seus tabus e preconceitos¹¹.

Em muitos lares são encontradas deficiências na educação sexual. Erros são cometidos pelos pais, que ensinam noções falsas, inadequadas e fantasiosas, motivados pelos fatores mais diversos: receio de ferir a pureza da criança, por considerarem prematura a curiosidade infantil, por constrangimento com o tema sexual, por irritação com a criança e falta de preparo para enfrentar a situação criada.

Ainda hoje, são poucos os estudos sobre a Educação Sexual no âmbito da escola brasileira. Entre outros motivos, isso se deve à desvalorização do tema como não-prioritários no programa educacional do país.

Assim, a abordagem direcionada à questão da sexualidade na escola, terá como referencial a ESEBA (Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia).

A ESEBA possui 29 anos de existência na cidade de Uberlândia, mas só institui a educação sexual a partir de 1997. Esta instituição possui o NEIA (Núcleo de Estudos sobre Infância e Adolescência) e o SEAPE (Setor de Apoio do Processo Educacional). O SEAPE tem profissionais nas áreas de psicologia, pedagogia, psicopedagogia e serviço social. Estes profissionais elaboram projetos de pesquisa sobre a sexualidade do adolescente de 5ª a 8ª séries.

A idéia inicial seria trabalhar somente a ESEBA em toda esta pesquisa. Verificando como se dá o trabalho sobre orientação sexual nesta instituição, que tipo de material é utilizado nas aulas, descrever o interesse dos alunos em relação ao tema, entre outros.

“(...) Não só para iniciar o projeto, como bimestralmente, fazíamos oficinas com os pais. Discutíamos temas em conjunto. Era uma reunião entre pais, filhos e coordenação. Porque se você trabalha com a sexualidade, você tem que ter a concordância dos pais, isso porque a sexualidade é um tema tabu. Esse trabalho passa pela direção da escola, pela coordenação, pelo colegiado. A escola tem que ter confiança na equipe que desenvolve tal trabalho”¹².

¹¹ RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: FPU, 1990.

¹² Entrevista gravada com a Professora Lúcia Helena de Paula Menezes, na ESEBA, Uberlândia, no dia 18/03/05, às 16:00h da tarde.

A professora Lúcia Helena diz que trabalhavam com a perspectiva de que a sexualidade envolve todas as questões no que tange à identidade dos adolescentes (sexualidade, relacionamento, convivência). Ela relata que o grupo do projeto (1997-2000) era interdisciplinar, com vários profissionais da cidade. Participavam a Secretária Municipal de Saúde, professores das Redes Municipal e Estadual, professores do ensino superior, psicólogos e médicos da rede Municipal. Esse grupo desenvolvia o projeto ligado à sexualidade juntamente com as Faculdades de Biologia, Psicologia e Medicina da Universidade Federal de Uberlândia.

As aulas eram ministradas em forma de oficina. O horário era posterior ao da aula, os alunos retornavam no período da tarde. As oficinas eram semanais, com uma hora e meia de duração. Os alunos escolhiam os temas que queriam estar trabalhando. O grupo tinha uma abordagem infinita (sexualidade, relacionamentos, família, sociedade).

O projeto na ESEBA denominava-se “Adolescência, o prazer em crescer”. Esse projeto se dividia em dois grupos distintos, um de 5ª a 6ª séries e outro de 7ª a 8ª séries. Isso porque o grau de interesse de cada grupo era diferente.

As oficinas eram elaboradas com vários materiais que ajudavam no enriquecimento do processo educativo. Eram utilizados documentários, filmes, textos. Tinham também um trabalho corporal, um momento da ação, da reflexão, de debates voltados para a questão da adolescência e sua sexualidade.

A Professora Maria Helena fala que o objetivo geral era trabalhar as questões da identidade dos adolescentes, através da vivência, de palestras e de oficinas. O grupo de alunos é que definiam as questões que seriam aprofundadas. Não se pode olhar apenas para a área biológica, diz ela, *“o trabalho tem que ser sócio-educativo, um olhar social, pedagógico e não um olhar clínico, um olhar médico, pois a sexualidade é mais ampla, envolve o seu estar no mundo”*.

“(…) No nosso projeto aconteceu o seguinte. O nosso setor SEAPE se diluiu. Alguns colegas não queriam mais trabalhar com os adolescentes e sim ficar na área infantil – 1ª a 4ª séries. Da nossa equipe que trabalhávamos com os adolescentes, duas se aposentaram – Sônia e Ana Carolina – a Dulce foi para a pré-escola, a Marilza pediu remanejamento para outro setor da Universidade – DIASE – e eu fui para a área de iniciação filosófica. Assim acabou o projeto”¹³.

Porém, em uma visita realizada a esta instituição, foi encontrado alguns fatores que impossibilitaram um maior aprofundamento do estudo. Podendo ser citado dois fatores de

¹³ Idem.

maior relevância. O primeiro é que atualmente a ESEBA não está trabalhando em sala de aula os seus projetos que discorrem sobre a sexualidade. O segundo empecilho foi o de que todo material produzido sobre orientação sexual durante o período analisado, não foi armazenado, ou seja, todos os documentos que seriam de tamanha importância para esta pesquisa foram perdidos. Não houve preocupação com o arquivo e o registro dos resultados obtidos pelo projeto que foi implantado na escola durante o período de 1997 a 2000.

CAPÍTULO 2

SEXUALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Programa de Educação Sexual

Para a elaboração deste programa, vários autores tiveram contribuição significativa. Mas destaca-se principalmente entre eles, a autora Maria Helena Matarazzo que em sua obra já mencionava idéias para um programa de educação sexual. Outro documento importante a ser mencionado foi a revista Nova Escola¹⁴. Baseado nestes dados é que foi possível refletir e discutir uma montagem de um programa, que não precisa ser seguido de forma rígida, podendo ser alterado caso algo significativo indique a introdução de novo assunto ou a alteração da ordem inicialmente prevista. Este programa constitui guia para o trabalho subsequente e preparação das aulas.

Um programa de educação sexual pode ser planejado em função das necessidades e do nível de amadurecimento dos alunos. É fundamental fornecer aos adolescentes um conhecimento adequado de seu amadurecimento sexual do ponto de vista físico, mental e emocional. Substituir o medo pela liberdade, incentivando a responsabilidade no uso do sexo. As perguntas feitas pelos alunos são sinais de curiosidades ou dúvidas, e pode-se destacar os tópicos que os alunos fazem muitas perguntas, entre eles: intimidades no namoro, atração e estimulação sexual, menstruação, masturbação, homossexualidade, virgindade, relações sexuais, controle de natalidade, concepção, gravidez e parto, além de doenças venéreas.

A educação sexual pode servir de instrumento repressor ao sexo, de forma conservadora e moralista. Devemos abordar a sexualidade como um aspecto positivo da vida humana, que visa a realização da pessoa, a igualdade entre os sexos, a aceitação do prazer na vida sexual. Uma condição básica para se fazer educação sexual é conhecermos a sexualidade da criança e do adolescente. Para ser educador sexual não deve ser necessariamente um especialista que detenha conhecimentos científicos extensos, e aprofundados sobre a sexualidade. Mas também, saber ouvir, facilitar a expressão das

¹⁴ Revista Nova Escola – Educação Sexual. Fundação Victor Cinto. Editora Abril, n.º191, abril 2006. Publicada desde março 1986, tem a segunda maior tiragem do país (664 mil exemplares por mês) e chega a 200 mil escolas brasileiras do Ensino Fundamental.

dúvidas do educando, criar condições para que suas demandas reais possam ser explicitadas¹⁵.

O professor pode estimular os alunos a fazerem perguntas. É necessário provocá-las e precisa se preparar para ajudar o aluno a encontrar respostas claras, simples, honestas. É necessário observar alguns fatores que determinam os resultados educacionais desejados: o tipo de aluno (a idade, o sexo, o grau de maturidade, o nível de conhecimento, os interesses, a capacidade de assimilação), o tamanho da classe, o ambiente de ensino, a disponibilidade de recursos, o treinamento e experiência do professor.

A transmissão dos conhecimentos a respeito do sexo é delicada e difícil. Alguns cuidados podem ser tomados para não ferir o pudor dos alunos, especialmente dos que não foram preparados devidamente na satisfação de sua curiosidade sexual.

Em muitas escolas a orientação sexual é feita em nome do medo. As aulas sobre esclarecimentos sexuais inspiram verdadeiro pavor, com as gravuras de deformações sifilíticas, as graves moléstias do coração e sistema nervoso, a cegueira e a paralisia. Muitas deformações congênitas são atribuídas a moléstias venéreas. Grande parte da orientação relata sobre a patologia e sintomas das doenças.

A educação sexual torna-se um veículo de repressão quando inculca determinados valores e normas morais, reforçando a idéia de que a única função válida do sexo é a reprodução, e o que escapa a essa função é pecaminoso. A orientação sexual deve ajudar no desabrochar da personalidade sexual do jovem, ajuda-los a viver sua sexualidade de forma sadia, sem culpa ou vergonha. Como nas escolas a educação sexual fica freqüentemente atribuída aos professores de biologia, pode-se ocorrer que muitas vezes fique limitada as informações biológicas da vida sexual, omitindo assim os seus aspectos psicológicos¹⁶.

As escolas com programa de educação sexual costumam comunicar os pais sobre a iniciativa antes de iniciar as aulas. Geralmente a idéia é bem acolhida. Mas muitas famílias temem que as conversas levem a uma iniciação precoce da vida sexual do adolescente, o que obviamente não é o objetivo da escola. Por isso, nas conversas com os familiares, cabe aos professores. Estes podem mostrar aos pais e alunos que a educação sexual está prevista nos PCNs, e faz parte do projeto pedagógico. Enfatizar que o papel da escola é passar informações científicas e propiciar o debate de temas pertinentes a idade de cada turma, tentando com isso aplacar as angústias dos adolescentes em relação ao tema. Explicar que o objetivo é fazer com

¹⁵ WEREBE, Maria José. **Educação sexual na escola**. São Paulo, Saraiva, 1992.

¹⁶ Idem.

que os jovens tenham uma vida saudável e entendam o que acontece com eles quando os hormônios estão em “ebulição”. Deixar claro que os valores morais e religiosos não serão questionados em nenhum momento.

A escola pode convidar os pais, sempre que possível, a participar de um bate-papo em sala de aula com os estudantes (eles podem contar como lidavam com a sexualidade quando eram adolescentes e, diante de um grupo de jovens, sem a pressão de estar “a sós” com o filho, ouvir os dilemas da moçada de hoje). A escola tem que proporcionar atividades paralelas aos alunos cujos pais oponham à participação do filho nas atividades de educação sexual.

A curiosidade das crianças sobre questões sexuais deve ser recebida pelos adultos com respeito. Se caso tais questões forem ignoradas a criança poderá perder a confiança que tinha em seus pais. As perguntas infantis devem ser respondidas de maneira séria, sem precipitação, visando indicar à criança o caminho da naturalidade e do seu bom ajustamento sexual futuro. A formação sexual é tão importante quanto a formação moral e ética. As crianças levemente retardadas necessitam de intensa e contínua vigilância, por parte dos pais e professores, já que as meninas são muitas vezes vítimas de sedução e estupro, e os meninos são vítimas de homossexuais¹⁷.

Também existe o caso das pessoas com deficiências físicas, mentais ou sensoriais, que manifestam sua sexualidade tanto quanto os demais. O problema é que muitos as consideram “anormais” e, portanto, vêem essas atitudes também como anomalias. Recomenda-se tratamento igual para todos, com abordagem adaptada ao tipo de deficiência do aluno.

Com os alunos com deficiência mental, seria necessário tornar as informações mais acessíveis e repetí-las várias vezes usando linguagem simples, material concreto ou exemplos. Geralmente alunos que têm deficiência física apresentam auto-estima corporal baixa por não se enquadrarem no “padrão de beleza”. Falar do corpo, para eles, costuma ser difícil. Histórias de pessoas com deficiência que se realizaram pessoal e profissionalmente podem ajudá-los. Alunos com deficiência visual precisam de material concreto para manipular, como modelo dos órgãos sexuais e esquemas em alto-relevo. Já os alunos que têm deficiência auditiva nem sempre conseguem explicar suas dúvidas para o educador, que muitas vezes tem dificuldades para transmitir as informações a eles. A solução é usar muitas figuras, diagramas e esquemas para facilitar a visualização e a assimilação dos conteúdos.

As aulas sobre sexualidade são marcantes para os jovens, pois nelas estes aprendem a conhecer e a lidar com seus desejos, necessidades e afetos, ou seja, com o próprio corpo.

¹⁷ MIELNIK, Isaac. **Educação sexual na escola e no lar: da infância à adolescência**. São Paulo, Ibrasa, 1982.

Não há aprendizado sem envolvimento. O aluno deve ser capaz de ver a si mesmo na situação que está sendo apresentada. Os alunos se envolvem emocionalmente quando o problema está ligado a sua própria experiência de vida e o que está sendo ensinado vai ao encontro às suas necessidades e interesses.

Algumas estatísticas podem ser trabalhadas para contribuir nesse entendimento, entre elas:

Tabela 1: Proporção de mulheres que tiveram filhos por faixa etária, segundo estudo e trabalho, Brasil-1999.

Decisão entre estudar e/ou Trabalhar	Faixa etária			
	15-17	18-19	20-24	15-24
Estuda e trabalha	2,2	7,3	18,2	9,4
Só trabalha	20,9	31,7	46,9	40,9
Só estuda	2,3	8,1	20,8	6,6
Não estuda e nem trabalha	32,2	50,5	67,2	57,3

Fonte: In Pessoa da Silva e Rocha de Arruda, 2002, com microdados da PNAD/IBGE 1999.

De fato, de acordo com os dados da Tabela 1, elaborada por Silva e Rocha de Arruda (2002) para o Brasil, em 1999, entre as jovens, considerando-se equação trabalho e estudo, é justamente, entre aquelas que não estudam e não trabalham que se encontra uma maior proporção de jovens que já tiveram filhos.

Tabela 2: Alunos por sexo, segundo percentual médio das cinco ações consideradas mais violentas, por ordem da indicação, no conjunto das capitais pesquisadas, Brasil-conjunto de 14 cidades, 2000.

Ações consideradas mais violentas	Masculino		Feminino	
	Posição	%	Posição	%
Atirar em alguém	1º	82,6	1º	86,3
Estuprar	2º	68,5	2º	84,0
Bater em homossexuais	3º	36,1	3º	47,8
Usar drogas	4º	48,1	4º	46,0
Roubar	5º	45,3	5º	44,6
Andar armado	6º	44,0	6º	42,1

Solicitou-se aos informantes: “Entre as ações abaixo, marque as cinco que você considere mais violentas...”

Os percentuais referem-se apenas às respostas afirmativas obtidas na amostra de alunos.

Fonte: Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas Escolas, UNESCO, 2001.

Na tabela 2 observa-se que a percepção de rapazes e moças sobre o que é violência muito se assemelha. Ambos, quando solicitados a indicar de uma relação proposta pela pesquisa, as cinco mais graves formas de violência, selecionaram os mesmos itens, mas com uma singular exceção: a questão da agressão a homossexuais. Neste caso percebe-se maior

sensibilidade das jovens com este tipo de violência. Bater em homossexuais é classificado pelas jovens como terceira violência mais grave enquanto para os jovens ela ocupa a sétima posição.

No quadro seguinte registros de nomeações do outro, dos tidos como homossexuais, colhidas em grupos focais com alunos.

Quadro 1
Apelidos Atribuídos aos considerados Homossexuais, por Alunos
Boiola (Boiolão)
Bicha (Bichinha e Bichona)
Viado
Travesti
Luz Clarita (em referência a personagem da novela “Chiquititas”)
Vera verão (em referência a personagem do programa “Zorra Total”)
Bulu
Sapatão (Sapatona)
Gay

Fonte: UNESCO, 2001 – Pesquisa Nacional Violência, Aids e Drogas nas escolas

Os especialistas recomendam prestar atenção nos seguintes detalhes: qualquer dúvida, por mais simples que pareça, é relevante e pertinente; estimule os debates e deixe os estudantes tirarem as próprias conclusões; apresente informações científicas sempre que necessário, sem emitir juízos; jogos e dinâmicas favorecem a participação dos mais tímidos.

Os estudos mais recentes mostram que as pessoas que possuem maior conhecimento, maior compreensão da sexualidade, vêm a desenvolver atitudes mais positivas, com melhores possibilidades de se comportar de forma equilibrada. O conhecimento é essencial para o indivíduo se tornar consciente de como se pode modificar, se aperfeiçoar e encontrar respostas satisfatórias para situações novas. O tipo de conhecimento desejado na educação sexual é aquele que estimula a auto-análise e serve como força motivadora para o comportamento sadio.

A sexualidade não pode ser imoral, pois ela é fonte de consciência moral. Os problemas não derivam dela, e sim, de sua negação. A sexualidade é algo que nos dá medo. A dessexualização das crianças e jovens é um fenômeno importante para uma sociedade conservadora, causando uma docilidade dos educandos. A sexualidade frustrada pode ser liberada pela educação sexual. Não se pode impedir ao homem de desejar algo, mas pode condicioná-lo a desejar coisas diferentes da sexualidade. A sexualidade dentro da sociedade conservadora está condicionada pelo sentimento de culpa, pela negação do corpo, pela sua substituição pelo dinheiro, pela intolerância¹⁸.

¹⁸ BERNADI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo, Hummus, 1985.

Um programa de educação sexual almeja os seguintes objetivos: entender o significado de casamento, da paternidade e da vida familiar, de modo que esta compreensão possa ajudar ao fortalecimento da família como unidade social básica; desenvolver os sentimentos de auto-identificação e auto-valorização, respeito pelos outros e responsabilidade moral como parte integrante do desenvolvimento da própria personalidade; analisar a questão da virgindade e as possíveis conseqüências das relações pré-conjugais; compreender a anatomia e a fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino e a relação da procriação com a maturidade e a capacidade de se dar; adquirir um conhecimento dos conceitos básicos, desenvolvendo um vocabulário adequado, atitudes e comportamentos sadios; aprender a analisar criticamente as questões sexuais; identificar os dados básicos a respeito das doenças venéreas e o papel dos jovens na prevenção e controle dessas doenças altamente contagiosas.

A educação sexual tem sua linguagem própria que inclui os nomes dos órgãos reprodutores e suas funções, bem como as palavras que descrevem os comportamentos sexuais, ou seja, as manifestações do impulso sexual, por isso uma necessidade de se ter um vocabulário científico preciso.

É importante debater com as crianças e adolescentes as razões para o desenvolvimento de um vocabulário científico na educação sexual. Este vocabulário gera uma atitude mais madura e objetiva em relação às questões sexuais e pode ser muito mais útil como, por exemplo, na leitura de artigos científicos, numa consulta médica, para participar de um debate com pessoas informadas, etc.

Existem métodos de trabalho em grupo que ajudam o indivíduo a se aperfeiçoar como membro participante de uma classe, são eles: discussão em grupo, o que estimula a reflexão e a expressão das próprias idéias; trabalho em grupo, que estimula a coesão grupal e promove a socialização; dramatização, que é a representação teatral de uma história; estudo de caso, onde o professor apresenta um caso real ou uma situação fictícia; palestra, que estimula a reflexão e promove o pensamento crítico.

É bom ressaltar que não há programas “prontos” a serem apresentados aos alunos. Estes é que devem ser convidados a trazer suas demandas e interesses ao educador.

Sexualidade em sala de aula

Tema transversal desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Sexual em muitas escolas ainda se restringe às aulas de Ciências. Por envolver valores culturais e sociais, a sexualidade precisa ser ensinada nos mais variados enfoques.

Desde que se tornou uma sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a inclusão do tema Educação sexual nas disciplinas escolares tem atormentado o cotidiano de muitos professores e coordenadores de ensino. Afinal, qual é a fórmula para falar sobre sexualidade numa aula de Matemática? Ou dar detalhes sobre gravidez precoce e prevenção de doenças no meio de conteúdos de História ou Geografia? Até em Ciências há limitações. É possível discorrer sobre a resposta sexual humana e seus mecanismos de prazer (desejo, excitação, orgasmo e resolução) nessa aula?

A primeira coisa a fazer é perguntar: houve treinamento para isso? A grande parte dos professores não tiveram aulas sobre a matéria. Não é nada fácil entender a sexualidade. Muito menos transmitir os conhecimentos a crianças e adolescentes, ávidos por respostas claras, didáticas e interessantes.

Como resolver o impasse? Há a opção, mais confortável talvez, de deixar esse tipo de ensino a cargo de um especialista, ou seja, de um educador sexual. Porém é importante saber que esse profissional não age só. O trabalho surte efeito mais positivo quando encontra parceria dos outros professores.

Para um professor se tornar melhor preparado, uma sugestão é buscar conteúdo em livros e outras publicações. Outro passo é participar de palestras, oficinas e cursos. Essas ações exigem tempo, motivação e dinheiro. Sabe-se que nem sempre isso está à disposição.

Uma educação sexual adequada reduz os índices de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e gravidez na adolescência, como comprova pesquisa da Unesco realizada em 420 escolas de ensino Fundamental e Médio de 14 cidades brasileiras (ver tabela 2 da página 21). E mais: informar-se sobre sexo seguro e práticas sexuais é um dos primeiros passos para garantir também uma vida mais prazerosa.

É um mito acreditar que, ao falar sobre sexo, está estimulando o aluno a iniciar-se na prática. Pesquisas comprovam que o jovem que recebe educação sexual na escola costuma adiar sua “primeira vez” ou pelo menos, fazê-la de forma mais consciente e responsável.

Os temas a seguir, propostos nos PCNs, podem ser desenvolvidos em turmas do Ensino Fundamental. Esses conteúdos devem possibilitar a abordagem dos diferentes

assuntos, que variam de acordo com a faixa etária, cultural regional e fatos contemporâneos veiculados pela mídia ou vividos por uma determinada comunidade:

Em Educação física pode-se desenvolver o respeito ao corpo e a construção de uma cultura corporal. Como gostar do próprio corpo e respeitá-lo, física e psicologicamente. Questionar padrões de beleza ditados pela mídia. Realizar atividades em que ambos os sexos possam fazer juntos, sem separação entre meninos e meninas.

Na disciplina Ciências Naturais pode-se trabalhar transformações do corpo na puberdade, relacionando-os também às mudanças emocionais e psicológicas. Detalhar mecanismo de concepção, contracepção, gravidez e parto. Relatar as formas de transmissão e de prevenção do Vírus HIV. Mostrar os tipos de exames de sangue feitos nos testes de gravidez e parto.

Em Artes pode-se estudar a representação do corpo expressa em diversas épocas, nas diferentes manifestações artísticas. Produzir desenhos, esculturas e pinturas que tenham como tema o corpo humano. Montar cenas teatrais que tenham como tema o drama dos jovens em relação à gravidez na adolescência, sexo, amor e amizade. Produzir campanhas publicitárias de prevenção à DST/AIDS e gravidez na adolescência. Discutir sobre a discriminação dos meninos nas atividades artísticas (dança principalmente).

Nas aulas de Geografia pode-se levantar as regiões brasileiras em que a fecundidade é maior ou menor e suas razões. Estudar as regiões mais afetadas pela epidemia da AIDS no Brasil e no mundo e as causas dessa vulnerabilidade. Pesquisar sobre a forma como o Vírus da AIDS se espalhou pelos diversos continentes.

A Matemática pode contribuir na produção de gráficos e tabelas sobre gravidez na adolescência no Brasil e avanços na epidemia da AIDS em diferentes populações. Estudar sobre a possibilidade de engravidar nos diversos períodos do ciclo menstrual.

Em Língua Portuguesa pode-se estudar as regras do idioma que estabelecem o plural no masculino (o que inclui as mulheres). Ler textos literários, jornalísticos ou poéticos que falem sobre situações de violência contra a mulher e contra homossexuais. Analisar os verbetes “homem” e “mulher” no dicionário e as diferenças de tratamento. Perceber as características de gênero pela análise de personagens de romances de época.

Nas aulas de História o trabalho com orientação sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gêneros, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as discriminações associadas a expressões da sexualidade, como a atração homo ou bissexual, e aos profissionais do sexo.

A História traz uma gama de conteúdos que se pode trabalhar com a sexualidade. Mostrar o papel da mulher na sociedade através do tempo, suas lutas e conquistas. Discorrer sobre como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, tempos e lugares. Citar a expressão da sexualidade por meio do vestuário e da maneira de enfeitar e lidar com o corpo. Relatar como diversas sociedades representam e valorizam o corpo. Trabalhar a homossexualidade na história e os povos antigos.

A diversidade social gera uma pluralidade de caminhos construtivos, que só podem ser compreendidos a partir de uma abordagem teórica que parta da complexa unidade entre os diferentes aspectos da conduta individual (pensamentos, sentimentos e desejos), e entre os distintos níveis de amplitude relacional que permitem passar do indivíduo para as relações interindividuais e para as configurações macrosociais que lhes atribuem significado.

Dentro dos grupos sociais cabe destacar, por sua importância na configuração da cultura, os caracterizados pelo gênero.

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos.

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres.

A história da civilização e da filosofia ocidentais só varia até o ponto em que cada era dá ênfase a alguns aspectos favorecidos, característicos; quanto ao conhecimento e sua aquisição, todas as eras nessa história têm em comum a explícita desvalorização da terra e do corpo. Mais especificamente, o corpo da mulher, junto com formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino. Mesmo cristãos como São Paulo e Santo Agostinho, que desprezam os deuses pagãos como Apolo, continua, entretanto, a exaltar e a manter no centro de sua teorização, o dualismo apolíneo hierárquico que avilta o corpo humano, considerando o corpo feminino mais especialmente pecaminoso, culpando Eva (e todas as mulheres subsequentes) pela queda do Homem, pelo Pecado Original e tudo mais¹⁹.

Por isso, a importância da História em desvendar e explicitar discriminações e preconceitos associados ao gênero, no sentido de garantir a equidade como princípio para o exercício da cidadania.

O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e

¹⁹ BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminina de Foucault. In: TAGGAR, Alison M & Bordo, Susan R. (orgs). Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

mulheres e apontar para suas transformações. É inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador e também do professor de História.

O professor de História pode ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a ser pessoas mais abertas e equilibradas. As relações de gênero se apresentam de forma nítida nas relações entre os alunos e nas brincadeiras diretamente ligadas à sexualidade. Há ainda outro fator que merece muita atenção por parte dos educadores: a violência associada ao gênero.

O ensino só poderá atingir um objetivo tão ambicioso se desenvolver a capacidade de generalização dos estudantes. Caso contrário, se optar por apresentar os conteúdos curriculares conforme uma ordem androcêntrica, torna-se inviável o caminho a transitar para chegar a viver e para conceituar, a partir de sentimentos e pensamentos livres de preconceitos de gênero, a estrutura de nossa sociedade.

Para que alunos e alunas possam entender a dinâmica social entre gêneros, é preciso proporcionar-lhes a oportunidade de exercitar, social e vivencialmente, o que lhes é explicado de modo formal.

A violência de gênero, a gravidez na adolescência e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/AIDS são três grandes problemas de saúde pública da atualidade. Obviamente todas estas agressões têm múltiplos fatores como causa, mas individualmente, a educação em saúde e responsabilidade sexual é uma delas. Ignorar isto é ser cúmplice do quadro lamentável que se tem hoje. A educação sexual inicia na família, mas não se restringe a esta relação. À medida que a criança cresce, passa a participar de outros contextos sociais, principalmente ao ingressar na escola. Todas estas relações irão interferir no desenvolvimento da sexualidade. Então, é necessário dialogar sobre saúde e responsabilidade sexual nas relações.

A educação para a igualdade de oportunidade é uma das matérias transversais, o que leva a concluir que todos os currículos das diferentes etapas escolares devem estar impregnados de uma ética, que permita desenvolver uma prática docente baseada em uma visão não androcêntrica da sociedade.

Um currículo gerador de uma igualdade de oportunidades deve estar enraizado em uma representação social ampla, que integre a pluralidade de saberes sem estabelecer hierarquia.

Nesse processo ganham todos, os alunos, a escola, a sociedade, as gerações futuras. É urgente fazer alguma coisa pela sexualidade humana. E participar desse processo de educação é extremamente recompensador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero crer que este trabalho fertilizará a prática diária e fará um caminho para além dos primeiros passos dados aqui. Ao término desta investigação, constata-se o quanto as questões referentes à sexualidade estão imersas nas mais diferentes instâncias sociais, bem como os investimentos feitos para fazer prevalecer um ideal normativo perpetuador das desigualdades.

Os conceitos de educação, sexualidade, adolescência e gênero ajudaram a reconhecer a existência de poder entre homens e mulheres, que ambos sofrem os efeitos das hierarquias de gênero, e a discussão sobre estes conceitos interessa a toda sociedade brasileira. Isso porque examinar e afastar preconceitos é tarefa de todos, e a participação da escola na superação de discriminações sociais de gênero é indispensável.

Não basta propor uma reflexão sobre a prática para que se dê conta do processo educativo – em especial no que se refere à dimensão gênero e sexualidade.

Um processo de formação docente que inclua tal dimensão poderia partir dos saberes e valores dos professores de modo a procurar absorver as contribuições da academia na busca de fundamentação teórica e no acompanhamento das pesquisas realizadas.

Acredita-se ainda na necessidade de se estabelecer uma rede de discussão articulada com os diferentes atores sociais interessados numa prática transformadora, pois este é um assunto polêmico que exige contrariar padrões hegemônicos resistentes a qualquer ação desconstruída. Nesse sentido, observa-se que a escola se encontra alheia e desvinculada das lutas encaminhadas pelos movimentos sociais, pelas organizações não governamentais (ONGs), cujas práticas têm muito a ensinar.

Em virtude de terem as universidades papel decisivo na formação dos profissionais da educação, a ela atribui a tarefa desafiadora de incluir nos currículos os temas gênero e sexualidade, por reconhecer a importância dessas dimensões da vida, tanto na produção do conhecimento quanto na formação de cada indivíduo.

Por fim, com a preocupação de que este estudo não seja tomado como verdade pronta e acabada, é preciso sinalizar que as conclusões aqui construídas são parciais, temporárias e sujeitas à revisão e a novas problematizações – e isso confere à esta pesquisa infindáveis possibilidades de desdobramentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

BARROSO, C. e BRUSCHINI, C. *Sexo e juventude. Como discutir sexualidade em casa e na escola*. 3: ed. amp. São Paulo: Cortez, 1990.

BERNADI, Marcello. *A deseducação sexual*. São Paulo, Rummus, 1985.

BORDO, Susan R. *O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminina de Foucault*. In: TAGGAR, Alison M & Bordo, Susan R. (orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Vol. 10. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; CHAUÍ, Marilena; KEHL, Maria Rita; WEREBE, Maria José. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n.36, p. 99-110, Agosto. 1981.

BUSQUETS, Maria Dolores. *Temas Transversais em educação*. São Paulo: Ática, 1999.

CALDERONE, Mary Steich. *Falando com seu filho sobre sexo: perguntas e respostas para crianças do nascimento até a puberdade*. São Paulo: Summus, 1996.

COMFORT, Alex. *ABC do amor e do sexo: orientação sexual para o adolescente*. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

COSTA R. P. *Os onze sexos*. São Paulo: Gente, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 4ª edição, v.2, 1985

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 5ª edição, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Lar e Terra, 22ª edição 2002.

FUCS, G. B. *Por que sexo é bom? Orientação para todas as idades*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

GAUDERER, Christian. *Sexo e sexualidade da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

GLAT, Rosana. *Sexualidade e deficiência mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. *Educação Sexual: uma proposta, um desafio*. São Paulo. Cortez, 1985.

GTPOS, ABIA, ECOS. *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia*. 6. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GTPOS. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação sexual na escola: Mito e realizada*. Campinas, SP, Mercado de Letras, 1995.

HEIMAM, Julio. *Descobrimos o prazer: uma proposta de crescimento sexual para a mulher*. São Paulo, Rummus, 1981.

MATARAZZO, Maria Helena. *Educação sexual nas escolas; preparar para a vida familiar*. São Paulo, Paulinas, 1998.

MEYER, Dagmar E. Esteman. *Saúde e sexualidade da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

MIELNIK, Isaac. *Da infância a adolescência*. São Paulo, Ibrasa, 1980.

_____. *Seu filho e os problemas do sexo orientação sexual da criança*. São Paulo, Edart 1975.

_____. Educação sexual na escola e no lar: da infância à adolescência. São Paulo, Ibrasa, 1982.

MULLINAR, G. Dicionário de orientação sexual para adolescentes. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

NEGROMONTE, Álvaro. *A educação sexual; para pais e educadores*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

NERICI, Imideo Giuseppe. *Educação no lar e na escola*. Científico, 1981.

_____. *Seus filho, o sexo e você: normas da educação sexual, da infância a juventude*. São Paulo, Ibrasa, 1998.

PEREIRA, Marta Regina Alves. *Nas malhas da diferença: nuances de gênero na educação de crianças*. Uberlândia, EDUFU, 2004.

PETRI, V. *Sexo, fábulas e perigos*. São Paulo: Iglu, 1990.

REICH, Wilbreilm Porto. *O controle sexual da juventude*. Hinalivro, 1975.

RIBEIRO, Marcos. *Sexo sem mistério*. São Paulo, Saraiva, 1996.

_____. *Educação Sexual; novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 1993.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Uma contribuição ao estudo da sexualidade humana e da educação sexual. Dissertação. Unicamp, Campinas São Paulo, 1989.

_____. *Educação Sexual além da informação*. São Paulo, EPU. 1990.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 53, p. 11-18, Maio. 1985.

SOUZA, Ronald. *A educação sexual de nossos filhos uma visa contemporânea*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

SUPLICY, Marta. *Guia de orientação sexual; diretrizes e metodologia*. Adaptação Brasileira. São Paulo, Casa do Psicólogo. 1994.

TOSCANO, M. *Igualdade na escola: preconceitos sexuais na educação*. Rio de Janeiro: Cedim, 1995.

VERARDO, Maria Terezinha Vieira. A sexualidade educada: nota crítica sobre pressupostos teóricos e projeto empírico. Dissertação. Unicamp, Campinas São Paulo, 1989.